

O “CONHECE-TE A TI MESMO” COMO FUNDAMENTO DO SABER ÉTICO.

¹Marco Antonio Correia Bomfim

Resumo

O presente artigo trata acerca da dimensão da eticidade enquanto fundamento da existência humana e da vida em sociedade (realização do *ethos*). Com Sócrates, a reflexão adquire uma perspectiva de conhecimento que é direcionado ao âmbito interior, singular e intransferível do sujeito ético. Sujeito este que deve se apresentar aos seus iguais enquanto um concidadão, um cidadão da pólis. Sobre quais aspectos esta existência do homem (cidadão ateniense, filósofo) Sócrates pode nos levar a refletir acerca de nosso ser e nossa época é o intuito implícito neste artigo. Para a construção do trabalho utilizou-se de diferentes fontes bibliográficas eletrônicas e fontes bibliográficas físicas. Estas fontes abordaram a temática e procurou-se responder a todos os objetivos específicos contidos neste trabalho.

Palavras-chave: *Ethos*. Ética. Arete. Paidéia. Sócrates.

Abstract

This article is about the dimension of the ethics as the foundation of human existence and social life (conducting the *ethos*). With Socrates, the reflection takes on a perspective of knowledge that is directed to within, unique and nontransferable of the ethical subject. This subject should be presented to his equals as a fellow citizen, a citizen of the polis. About which aspects of this man's existence (Athenian citizen, philosopher) Socrates may lead us to reflect about our being and our time is the order implied in this article. For the construction of the work we used different electronic bibliographic sources and physical bibliographic sources. These sources addressed the theme and sought to respond to all the specific objectives contained in this work.

Keywords: Ethos. Ethics. Arete. Paidéia. Sócrates.

Com Sócrates, a reflexão ou o voltar-se para o sujeito, adquire uma nuance de conhecimento direcionado para o recesso interior, singular e intransferível do agente ético. O que implica em dizer que este sujeito (portador do hábito e também agente) agora está inserido numa forma de relação de responsabilidade para com a realização do *ethos*.

¹ Marco Antônio Correia Bomfim é graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Especialista em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Santa Cruz e Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz. É professor da Faculdade de Ilhéus-Cesupi, do Instituto de Teologia de Ilhéus-ITI e da Faculdade Madre Thaís-FMT. E-mail: bomfimmarco@yahoo.com.br

Nessa relação especificada pela responsabilidade, faz-se necessário então o agir sob a “justa medida”, o “justo meio”, a fim de não incorrer nos excessos tão naturais quando se age por força dos impulsos ou por ignorância. Talvez não seja um equívoco dizer que é justamente aí que tem origem a noção de consciência moral.

Entretanto, diante dessa consciência moral vêm as perguntas: o que convém? O que devo fazer? Perguntas estas que, em Sócrates, passam por uma compreensão primeira da essência do ser Homem, uma vez que todas as coisas que existem tendem a um fim, uma finalidade e no ser do ente homem isto se faz mais complexo, pois o mesmo não está dado, feito; é um ente por se fazer.

Para tal, tem o mesmo o privilégio de possuir o logos e através deste, o dever constitutivo de desvelar a realidade, compreender os seus aspectos e por meio da luz da razão (logos filosófico) guiar a sua vida tanto em esfera particular como pública¹.

Para Sócrates, o homem é a sua alma², na medida em que é a sua alma que o distingue especificamente de qualquer outra coisa. A este respeito nos fala Giovanni Reale em sua História da Filosofia - Vol. I (1990, p. 88) acerca de um dos raciocínios fundamentais feitos por Sócrates para dizer o que é o homem.

Uma coisa é o “instrumento” que se usa e outra é o “sujeito” que usa o instrumento. Ora, o homem usa o seu próprio corpo como um instrumento, o que significa que o sujeito, que é o homem, e o instrumento, que é o corpo, são coisas distintas. Assim, à pergunta “o que é o homem?”, não se pode responder que é o seu corpo, mas sim que é “aquilo que se serve do corpo”. Mas “o que se serve do corpo é a psyché, a alma (= inteligência)”, de modo que a conclusão é inevitável: “A alma nos ordena conhecer aquele que nos adverte: conhece-te a ti mesmo.”

O modo de atuar de Sócrates era bastante peculiar e por si só revelador. Isto se faz evidenciar na seguinte passagem da obra platônica, Apologia de Sócrates (PLATÃO, 1979, p. 26-27):

¹ Cf. os diálogos platônicos em especial, a obra: República.

² Para Sócrates a alma é a nossa razão e a sede de nossa atividade pensante e eticamente operante.

Enquanto viver, não deixarei jamais de filosofar, de vos exortar a vós e de instruir quem quer que eu encontre, dizendo-lhe à minha maneira habitual: querido amigo, és um ateniense, um cidadão da maior e mais famosa cidade do mundo, pela sua sabedoria e pelo seu poder; e não te envergonhas de velar pela tua fortuna e pelo seu aumento constante, pelo teu prestígio e pela tua honra, sem em contrapartida te preocupares em nada com conheceres o bem e a verdade e com tornares a tua alma o melhor possível? E, se algum de vós duvidar disto e asseverar que com tal se preocupa, não o deixarei em paz nem seguirei tranquilamente o meu caminho, mas interrogá-lo-ei, examiná-lo-ei e refutá-lo-ei; e se me parecer que não tem qualquer Arete, mas que apenas a aparenta, invectivá-lo-ei, dizendo-lhe que sente o menor respeito pelo que há de mais respeitável e o respeito mais profundo pelo que menos respeito merece. E farei isto com os jovens e com os anciãos, com todos os que encontrar, com os de fora e com os de dentro; mas sobretudo com os homens desta cidade, pois são por origem os mais próximos de mim. Pois ficai sabendo que deus assim mo ordenou, e julgo que até agora não houve na nossa cidade nenhum bem maior para vós do que este serviço que presto a Deus. É que todos os meus passos se reduzem a andar por aí, persuadindo novos e velhos a não se preocuparem nem tanto nem em primeiro lugar com o seu corpo e com a sua fortuna, mas com a perfeição da sua alma.

Aqui se está diante de um momento singular e original da forma como Sócrates filosofa, como o mesmo entende o papel da filosofia e do filósofo, como o mesmo analisa dialeticamente o homem, sua existência e a constituição do seu ser ou vir a ser do humano no ente homem (essência). Em Sócrates se desvela a eticidade enquanto uma realidade constitutiva e necessária para se alcançar a integralidade do ser humano a partir da sua existência na pólis.

De pronto, o que se evidencia é que não estamos diante de um teórico, de um acadêmico, nem tampouco de um homem de retórica, mas de um homem maduro que tem a plena consciência do que seja o conhecimento na vida dos indivíduos, da sociedade e do seu papel frente aos concidadãos e demais homens, assim como perante a pólis e acima de tudo ao deus que o exortou para tal atividade.

Torna-se perceptível que o homem não é visto apenas como entidade material, física, como um ser histórico e culturalmente datado, por isso mesmo, há a repreensão/exortação com relação à preocupação indevida com os bens materiais deixando de lado e até esquecendo-se de preocupação mais nobre e necessária - sua alma.

Como um médico da civilização, o filósofo exorta os seus concidadãos à necessidade de cuidar da alma³, daquilo que ele entende como mais precioso no humano e que não é o seu corpo, mas sim o seu interior.

³ Segundo Jaeger, a expressão “cuidar da alma” tem para nós um sentido especificamente cristão, porque se converteu em parte integrante desta religião. Isto se explica pelo fato de a concepção cristã coincidir com a socrática na ideia da Paidéia como o verdadeiro serviço de Deus e do cuidado da alma como verdadeira Paidéia.

Segundo Jaeger (1994), Sócrates define, de uma forma mais concreta, o cuidar da alma como um cuidado através do conhecimento do valor e da verdade (*phronesis* e *aletheia*). O mundo interior, o Aretê de que nos fala Sócrates é um valor espiritual. Destarte, servir a alma é servir a deus, porque ela é espírito pensante e razão moral, e estes são os bens supremos do mundo.

Deste modo, torna-se importante saber que:

Em Sócrates, aquelas expressões de aparência religiosa brotam da analogia entre a sua atuação e a do médico. É isto que dá ao seu conceito de alma o cunho especificamente grego. Dois fatores confluem na representação socrática do mundo interior como parte da “natureza” do Homem: o hábito multissecular do pensamento e os dotes mais íntimos do espírito helênico. [...] A alma de que Sócrates fala só pode ser compreendido com o acerto se é concebida em conjunto com o corpo, mas ambos como dois aspectos distintos da natureza humana (JAEGER, 1994, p. 534).

O pensamento socrático não separa, nem tampouco opõe o psíquico ao físico, pois ambos, corpo e alma fazem parte do cosmo. Elucidativa, portanto, é a frase *mens sana in corpore sano* (mente sã em corpo são) para designar de forma correta o sentido do que fora acima exposto, uma vez que o próprio Sócrates não descuidava do corpo e ensinava aos amigos a manterem o corpo são por meio do endurecimento e alimentação apropriada.

Faz-se *mister* informar que para a cultura helênica a arete deve ser analisada através de uma analogia entre o corpo e a alma. Isto se evidencia por meio dos escritos, quando se observa que quase sempre as virtudes (Aretai) da pólis grega estão associadas à bravura, ponderação, força interior, justiça, dentre outros (virtudes da alma).

Os gregos falavam de virtude dos vários instrumentos, por exemplo, a “virtude” da faca, a qual seria cortar, a da cítara, que seria tocar, a do cão que seria ser um bom guardião dentre outros. Assim, a virtude do homem deve ser pensada a partir daquilo que venha a fazer a sua alma ser de acordo com o que a sua natureza determina, ou seja, boa e perfeita.

Daí Sócrates dizer que é a ciência (conhecimento) este elemento e o seu contrário, o vício (ignorância) seria a privação de ciência. Deste modo é que se vê o Filósofo grego operar uma reviravolta no quadro dos valores até então em voga na cultura helênica, uma vez que os “valores” se tornam valores (virtudes), na medida em que são usados como o conhecimento exige (em função da alma e da virtude).

Daí então se poder falar que status, riqueza, poder, beleza, entre outros não são valores em si, pois são valores ligados a coisas externas e, se utilizados de forma ignorante, podem levar o indivíduo ou a sociedade a grandes males (*ethos* hodierno).

Ao passo que os valores da alma governados pelo juízo e pela ciência, podem trazer benefícios para a vida humana. Conclui-se, assim, que para Sócrates, em si mesmos, nem uns nem outros (dos valores citados) têm valor.

Conforme nos diz Werner Jaeger em sua *Paideia* (1994, p. 535):

A virtude física e a virtude espiritual não são, pela sua essência cósmica, mais do que a “simetria das partes” em cuja cooperação corpo e alma assentam. É a partir daqui que o conceito socrático do “bom”, o mais intraduzível e o mais exposto a equívocos de todos os seus conceitos, se diferencia do conceito análogo na ética moderna. Será mais inteligível para nós o seu sentido grego se em vez de dizermos “o bom” dissermos “o bem”, acepção que engloba simultaneamente a sua relação com quem o possui e com aquele para quem é bom. Para Sócrates, “o bom” é, sem dúvida, também aquilo que se faz ou quer fazer por causa de si próprio, mas ao mesmo tempo Sócrates reconhece nele o verdadeiramente útil, o salutar, e também, portanto, o que dá prazer e felicidade, uma vez que é ele que leva a natureza do Homem à realização do seu ser.

Desta passagem se faz salutar extrair o elemento ético como caracterizador da natureza humana. Ou seja, ser dotado de razão é implicitamente ser convocado a contemplar o seu ser como uma simetria entre corpo e alma, uma ordem, um *cosmion* (um todo ordenado). Esta existência dotada de razão e assumida responsivamente enquanto tal é que torna possível o *ethos*.

Para Sócrates, a formação da alma neste *ethos* é precisamente o caminho natural do homem, o caminho possibilitador da sua eudaimonia. Segundo o pensamento do filósofo grego, para o homem encontrar a harmonia com o seu ser, é necessário que o mesmo siga a lei por ele desvelada através do exame da sua alma, pois a verdade uma vez descoberta não pode voltar a ser velada ou, pelo menos, não deveria.

Tem-se aqui um princípio que se mostra de importância fundamental para a constituição da vida humana: verdade descoberta é verdade que deve ser seguida. E no que tange ao *ethos*, tem uma implicação de instância moral, visto que não se pode brincar com experimentos, excentricidades, etc. quando a matéria “em jogo” a ser “utilizada” é a vida humana.

Em Sócrates, nos diz Jaeger, a experiência, enquanto fonte dos valores humanos mais supremos deu existência àquele jeito de interioridade, característico dos últimos tempos da Antiguidade. E é preciso. Assim, o fenômeno, o qual é o de a virtude e a felicidade deslocarem-se para a interioridade do homem.

Através deste apelo do Filósofo para o cuidado da alma, têm-se uma nova guinada com relação à forma do homem compreender e viver a vida. Porque a partir de agora a vida

não é meramente um existir temporal, uma presa dos destinos, uma lástima dos sobreviventes e capricho dos deuses! Nem tampouco um viver comandado pelos desejos, vontades, pulsões.

Isso se torna evidente na vida e morte do próprio Sócrates, enquanto ente que paga consciência e deliberadamente o preço por buscar viver uma existência que almeja a autenticidade e singularidade.

Não é por menos que em *Apologia de Sócrates* (1979), o Filósofo declara que “uma vida sem exame não vale a pena ser vivida”. Está aqui mais uma singularidade apontada pela sua filosofia, a qual é a do pensar-agir, ou seja, em Sócrates a vida é sempre existência em meio aos fenômenos, aos conflitos, à escolha diante dos opostos (*metaxy*).

Os tempos hodiernos (hedonismo, relativismos, niilismo, materialismo, ideologias totalizantes, dentre outros).

A existência enquanto busca de vida singular e autêntica exige de cada ente humano uma escolha que inevitavelmente deve passar pelo conhecimento, portanto, uma escolha deliberada por se apropriar literalmente do ser do ente homem. O que implica uma vivência ética. Desta maneira, a vida humana é por essência uma vida Ética.

Não obstante ser o ente homem dotado de razão, esta não lhe é tão natural como os frutos numa árvore, ou como a defesa de uma galinha aos seus filhotes, frente ao perigo iminente do ataque de uma águia. No homem, este logos precisa ser trabalhado, desenvolvido (*Paidéia*).

Então, mais uma vez se é levado a encontrar com esta figura paradigmática chamada Sócrates, pois o foco central agora paira sobre a *Paidéia* e o Filósofo se vê dialeticamente em meio a discussões travadas com os sofistas.

Não por menos, o ético retorna enquanto elemento preponderante, uma vez que os Sofistas, por meio de seus ensinamentos, o deslocam, já que os mesmos acirram a dúvida (ceticismo, relativismo) quanto à possibilidade da educação triunfar.

Inevitavelmente se há de deparar com os seguintes questionamentos: por que se deve estudar? Quem deve e o que se deve estudar? Até onde se deve estudar? Para que serve o estudo? Qual o objetivo da vida humana?

Com estas perguntas, não se busca denotar aqui um aspecto contingencial de uma época, aquela vivida pelo indivíduo/cidadão Sócrates. Mas sim, fazer vir à nossa reflexão a singularidade constitutiva do fenômeno da educação na formação do ser deste ente

problematizador chamado homem. Assunto este bastante atual e ainda problemático dentro de nossa cultura.

Todavia, educação aqui não deve ser pensada como mera instrumentalização para alcance do poder político, ou como é corrente em nossa cultura, a formação de especialistas para o mercado de trabalho – criando assim uma nova classe que muitas vezes se torna subutilizada e obsoleta, não ocupando os cargos para que foi treinada, pois o mercado não necessita da quantidade de mão de obra oferecida.

Sem falar, é claro, da qualidade questionada de boa parte desta mão de obra, fruto de interesses escusos, mesquinhos (econômicos, políticos e ideológicos).

Nem tampouco, se identifica com as atividades que exigem menos da capacidade intelectual, e, diga-se de passagem, é justamente do seio desta nova classe de intelectuais que se tem gestado muitos dos pensamentos niilistas, revolucionários, progressistas que ganham contornos e proporções de anomalia, anomia alcançando o status de terrorismos sociais, indiferença para com a vida e o ser mais frágil (política sistemática pró aborto), a violência e destruição de vidas e ordem da sociedade por meio da “indústria” das drogas e sua cadeia maléfica etc.⁴

Em Sócrates, é claro que o ideal político tão evidenciado nos sofistas também está presente, não obstante, é com ele que a educação terá um sentido mais profundo, na medida em que procura reestruturar a conexão da cultura espiritual com a cultura moral (Paideia). Enquanto que o *ethos* contemporâneo (pós-moderno) é a mais profunda e deliberada intenção de destruição do *ethos* (tradicional do ocidente) por meio de uma reengenharia social (projetos de globalização).

É desta forma que Sócrates inaugura um novo modo de pensar e agir do ser humano ao buscar, na personalidade, no caráter moral, a essência fundante tanto da existência humana como da vida em sociedade. A este respeito nos diz Jaeger (1994, p. 546-547):

⁴ Conferir na obra **Ensaio reunidos**, Vol. I de Otto M^a Carpeaux, o texto “A ideia da universidade e as ideias das classes médias” e a obra **A rebelião das massas**, Ortega y Gasset onde tal fenômeno é riquíssimamente delineado de forma clara e concisa. **O jardim das aflições**, de Olavo de Carvalho.

[...] toda educação deve ser política. Tem necessariamente de educar para uma de duas coisas: para governar ou para ser governado. [...] O homem que é educado para governar tem de aprender a antepor o cumprimento dos deveres mais prementes à satisfação das necessidades físicas. Tem de se sobrepor à fome e à sede. Tem de se acostumar a dormir pouco, a deitar-se tarde e a levantar cedo. Nenhum trabalho deve assustar, por árduo que seja. Não se deve deixar extrair pelo engodo dos prazeres dos sentidos. Tem de se endurecer para o frio e para o calor. Não deve preocupar-se, se tiver de acampar a céu aberto. Quem não é capaz de tudo isto fica condenado a figurar entre as massas governadas.

Dentro do ideal de educação socrático, rico em símbolos e dado a muitas interpretações, o que nos interessa especificamente é extrair um conceito de enorme importância para a cultura ética Ocidental, o qual é o de autodomínio (Enkrateia). Fazendo-se assim perceber que a conduta moral deve brotar do mais íntimo de cada indivíduo, ou seja, o autodomínio enquanto virtude basilar para a formação ética do indivíduo representa a emancipação racional para com as seduções e os desregramentos da sua natureza animal.

O autodomínio representa na vida de Sócrates a virtude humana de dominar a tirania dos instintos pelo poder do espírito. E aqui se deve notar que o Filósofo toca em um problema central, porque, uma vez que o homem se torna vulnerável aos seus desejos e presa dos seus instintos, não se pode falar em um indivíduo livre nem tampouco em um cidadão ético (ações eticamente livres). O que denotará, por conseguinte, no plano das suas ações em atitudes moralmente imaturas, logo, irresponsáveis.

Portanto, educar para Sócrates é muito mais que simplesmente domesticar, forjar habilidades e competências, “formar para a cidadania”, seguir alienadamente a cultura do entorno (o “politicamente correto”) sem ter uma real dimensão do que seja o ente homem.

Visto que o homem nunca deverá ser tomado como meio, mesmo se compreendermos que a sua formação está intimamente ligada com o *ethos* preponderante; que a formação do homem enquanto cidadão é sempre voltada para o exercício de servir à pólis, do engrandecimento da cidade, de suas leis e de seus cidadãos.

No entanto, este cidadão é antes e inalienavelmente um sujeito ético e, como tal, não deve se conduzir com relação às leis, normas, tradição enquanto um indivíduo submisso. Mas sim, de acordo com uma conduta moral que brota do seu interior, que denota a maturidade (autodomínio) de um sujeito ético, a qual se expressa como uma ação consciente e deliberada, portanto, livre.

A essência da verdadeira Educação humana deve estar num conjunto de saberes (virtudes) que ao longo da existência viabilize ao ser humano as condições necessárias para

alcançar o fim autêntico de sua vida. Segundo Jaeger (1994), em Sócrates é identificada com a aspiração ao conhecimento do bem, com a *phronesis*.

Em outras palavras, a Paideia deve converter-se na aspiração a uma ordenança filosófica consciente da vida, a qual se propõe cumprir o destino espiritual e moral do homem.

REFERÊNCIAS

CARPEAUX, Otto M^a. **Ensaio reunidos 1942 – 1978**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 1999. v.1.

CARVALHO, Olavo. **História essencial da filosofia: O projeto socrático**. São Paulo: É Realizações, 2002.

_____, **História essencial da filosofia: Sócrates e Platão**. São Paulo: É realizações, São Paulo, 2002.

_____, **O jardim das aflições**. São Paulo: É Realizações, 2004.

GADAMER, H-G. **El inicio de La filosofia occidental**. Barcelona: Paidós Studio, 1995.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MONDOLFO, Rondolfo. **Sócrates**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

_____. **O pensamento antigo**. São Paulo: Mestre Jou, 1971. v.1

ORTEGA Y GASSET, **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro: Íbero-americano, 1959.

PLATÃO, **A República**. São Paulo: EDIPRO, 1984.

_____. **Diálogos**. São Paulo: Cultrix, 1979.

REALE, Geovanni. **História da Filosofia. São Paulo: Paulus, 1991**.

_____. **Para uma nova interpretação de Platão. São Paulo: Loyola, 2004**.

VAZ, Henrique. **Escritos de filosofia IV: introdução à Ética filosófica 1**. São Paulo: Loyola, 2002.

VOEGELIN, Eric. **O mundo da pólis**. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **Platão e Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2009.